

Apresentação

Com a intenção de marcar os 500 anos de contatos entre Portugal e China, em 2013, o Grupo *Porta Macau: literaturas, línguas e culturas*, certificado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), promoveu o I Colóquio Internacional do LIA/FFLCH/USP (Laboratório de Interloquções Asiáticas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) – *Portugal-China: 500 anos: mudanças, desafios e contrastes* –, reunindo especialistas em torno de um estudo comum e multidisciplinar, *o oriente*, como um tópico comum e constante nos discursos da cultura europeia. A maior parte dos resultados aqui apresentados são fruto desse encontro e da evolução que as pesquisas tomaram. Espaços como Goa, Macau e Timor, entre outros, passaram a ter relevância ímpar às interfaces culturais de uma geografia que não se deu em continuidade terrestre, mas sim como rota importante das vias marítimas que se desenvolveram desde as Navegações. Muito recentemente, a República Popular da China anunciou a criação de uma plataforma – *As Novas Rotas da Seda* –, buscando desenvolver as relações entre o sudeste asiático marítimo, Portugal e os países de língua portuguesa. Assim se observa que aqueles antigos caminhos não foram ofuscados, mas fortalecidos na construção de novas conexões para este século XXI.

Apesar da importância do estudo sobre os contatos entre Portugal e o oriente, no Brasil os orientalismos são ainda um campo de pesquisa recente. Tanto os orientalismos quanto as si-

nologias compõem uma grande tradição nos estudos das Ciências Humanas, em países como Inglaterra, França e Estados Unidos, e os estudos portugueses, firmemente estabelecidos no Brasil, podem oferecer uma contribuição única a esse campo do conhecimento. Imagens da China, da Índia, do Sudeste Asiático e do Japão se espalharam por toda a Europa, via Portugal, e passaram a compor um quadro relevante e particular na circulação econômica e simbólica da rede que se formou com os diversos contatos.

O I Colóquio Internacional do LIA/FFLCH/USP foi um dos primeiros eventos no âmbito universitário brasileiro que procurou estabelecer uma troca de informações inéditas, sustentar pesquisas que vêm sendo realizadas há mais de dez anos, com escasso material, pelos vários investigadores, além de possibilitar o conhecimento de documentos raros ou de estreita circulação.

Os pesquisadores, em sua maioria, mantêm uma cooperação contínua desde 2008, ano em que, em Lisboa, no decorrer do Colóquio Internacional *Macau na Escrita e Escritas de Macau*, a Professora Ana Paula Laborinho, atual Presidente do Instituto Camões, liderou a formação do Grupo *Writing Macau*, com a intenção de produzir encontros contínuos que pudessem minimizar os efeitos da fragmentação dos estudos acerca do orientalismo português. Em 2009, logo um ano depois, Rogério Puga organizou a I Conferência Internacional dos Estudos de Macau, na Universidade de Macau, ampliando as investigações sobre as relações luso-orientais. Em 2010, Piero Ceccucci desafiou os pesquisadores a aprofundarem os estudos acerca dos imaginários de Macau e do oriente, envolvendo a missionação e as literaturas de língua portuguesa, no evento *Quarto Centenário da morte do Padre Matteo Ricci*. Em 2011, David Brookshaw, da Universidade de Bristol, incitou todos ao debate sobre as “pena-insularidades”, ou seja,

sobre o escrever o oriente e o ocidente em português e/ou inglês. Depois de 2013, o LIA deu continuidade a esses encontros; em 2015, o Grupo *Pensando Goa* realizou um congresso voltado aos estudos de Goa e, neste ano de 2017, o recém-certificado Grupo de Estudos de Timor Leste prepara mais um evento internacional. Dessa forma, o leitor terá em mãos uma seleção de textos que se desenvolveram a partir dos debates que surgiram ao longo desses encontros e através dos contatos que se foram estabelecendo entre os diversos pesquisadores, também uma pequena amostra do que tem sido realizado em encontros menores do Grupo de Pesquisa *Porta Macau: literaturas, línguas e culturas* no âmbito das atividades do LIA.

Do conjunto de textos, no campo da sinologia, Piero Ceccucci investiga o sentido e o valor moral, filosófico e antropológico do termo *inculturalidade*, segundo a recente definição do Papa Bento XVI, que acabou por reabilitar a perspectiva universalista posta em ato por Matteo Ricci, na sua missão, expressa em 54 cartas de sua autoria, a partir das relações que estabeleceu com a corte chinesa. Bem mais próximo temporalmente, a extensa obra do padre jesuíta Joaquim Guerra foi objeto de estudo da pesquisa de Antonio Meneses, que, no seu texto, examina a ironia na perspectiva da *Ratio Studiorum*, articulada aos conceitos de *agudeza e discurso engenhoso*. O exemplo de análise recai sobre as *Notas Críticas* da tradução dos clássicos chineses feita pelo jesuíta durante a sua estadia em Macau.

No campo da literatura, a Região Administrativa Especial (RAE) de Macau, como lugar plural, no qual diferentes culturas se distinguem e ao mesmo tempo se misturam, é abordada no meu texto com o objetivo de se definir um contorno amplo e plausível aos estudos literários. As comunidades de falantes de pelo menos três línguas – a portuguesa, a chinesa, a inglesa – li-

gam-se historicamente de maneiras particulares à região, engendrando sistemas literários fluidos e únicos. Procura-se apresentar as condições de produção e de recepção da literatura produzida nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Já Hélder Garmes considera o contexto em que literaturas periféricas como as de Goa e de Macau podem ter mais sentido ao serem analisadas a partir da noção de *macrossistema literário de língua portuguesa*, formulada por Benjamin Abdala Junior em seu artigo “Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa”, publicado no ano 2000, na revista *Veredas*, de Portugal. Além de questões conceituais, sempre presentes nos estudos dessas literaturas, o modo como as culturas se confrontam e negociam, o olhar dirigido ao outro, muitas vezes em função de meras projeções de alteridades, é analisado por David Brookshaw e por Everton Machado. David Brookshaw mostra, no seu trabalho, como estereótipos atribuídos aos portugueses pelos discursos anglófilos invadem cenas de filmes americanos para caracterizar o macaense, enquanto que Everton Machado analisa como o termo indo-português “pacló” indica um grau de ambivalência na representação do homem e da mulher portuguesas na literatura em português de Goa. A questão colonial parece suscitar matizes de identificação dentro das dinâmicas social e urdidura intercultural, representadas nas obras de vários autores, como Vimala Devi, Orlando Costa e Maria Elsa da Rocha, entre outros.

Nos espaços que ficam nas margens do império sempre houve escritores de destaque cujas presenças passam a fundir-se com os imaginários da terra. O texto de Duarte Braga esclarece certos aspectos do fenômeno orientalista português ao examinar a produção do poeta português Alberto Osório de Castro (1868-1946), apontando certo exotismo de cor local representado pela mobilização

de uma herança ligada a Goa e Timor, bem como influências culturais de outros impérios, e Carlos Morais José debruça-se sobre hipóteses de decifração do sentido poético da obra de Camilo Pessanha. A partir da descoberta das emendas efetuadas pelo poeta, nos poemas da revista *Centauro*, em volume encontrado em Macau, o autor levanta, primeiro, a possibilidade de se estabelecer uma edição definitiva da obra de Camilo Pessanha com o trabalho coletivo de editores e, segundo, a possibilidade de a pesquisa poética se dar pelo epíteto que lhe atribuiu Mário de Sá Carneiro – o Grande Ritmista – na esteira da celebração musical verlainiana. Em relação aos deslocamentos que o próprio contexto colonial forjou, o trabalho de Rogério Puga contextualiza a produção do soneto “Um governo sem mando, um bispo tal” (c.1789), do escritor português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), dedicado a Macau e publicado em prol da política e da figura do ouvidor e governador interino Lázaro da Silveira Ferreira. Através do conceito de carnavalização de Mikhail Bakhtin, as estratégias literárias são analisadas em função das relações íntimas que se estabelecem gradualmente entre história, literatura e antropologia ao longo do século XVIII. Sérgio Pereira Antunes caracteriza as circunstâncias do conturbado momento em que Portugal viveu a invasão napoleônica, a independência do Brasil e a guerra civil entre absolutistas e constitucionalistas, culminando num importante papel que a Marinha Portuguesa iria tomar. As obras do oficial da Marinha Portuguesa Wenceslau de Moraes – *Traços do Extremo Oriente e Paisagens da China e do Japão* – são, hoje, consideradas fundamentais tanto pelos elementos culturais locais descritos quanto pelo seu interesse pela literatura japonesa.

Sem dúvida, a circulação simbólica que as rotas do império formaram encontra, na importante pesquisa de Jorge Lúzio,

um lugar único para os cruzamentos de imaginários de Macau, localizados no Brasil. O seu texto mostra parte da produção artística em marfim dos espaços coloniais asiáticos do Império português, verificando contrastes e confluências estéticas de tradições culturais locais inseridos nas representações cristãs. As derivas da viagem, do mítico canto de Camões ecoando na obra de artistas até a contemporaneidade, em suas intermedialidades, foi o caminho percorrido por Isabel Pires de Lima ao identificar o diálogo estreito de José Rodrigues, um dos nomes maiores da cena plástica portuguesa contemporânea, com a literatura, em especial com Camões e a epopeia.

Por fim, é apresentado aos leitores um estudo de campo original, de Roberval Teixeira e Silva e Maria Célia Lima-Hernandes, baseado na teoria da sociolinguística interacional, no qual os discursos didáticos presentes nos materiais pedagógicos da língua portuguesa como língua materna, utilizados na RAE de Macau, são analisados em função de se verificar a presença e circulação de ideologias. Os autores partem do pressuposto de que o discurso da sala de aula é construído por interações (microcosmo) que espelham e criam valores, ideais, preconceitos, mitos, estereótipos, padrões, os quais motivam e permeiam as relações sociais (macrocosmo). Os autores observam como os vários materiais didáticos podem ser o lugar do encontro e desencontro entre sujeitos, línguas e culturas que, por questões históricas, sociais e econômicas, estão em contato na RAE de Macau.

Dessa forma, o livro ocupa-se de Macau em sua largueza, nas formações sociais e culturais do seu ambiente, nas relações entre passado e presente e, principalmente, nos cruzamentos que a literatura fundiu, tematizou ou pôs em perspectiva. Foram acrescentadas notas aos textos que já foram publicados em outros meios devido ao longo caminho até esta publicação.

Apresentação

Contudo, sou convicta de que esta é uma coletânea rara, essencial aos que quiserem se introduzir nesse grande movimento de interlocução com a Ásia.

Monica Simas

SIMAS, Monica. Apresentação. In: SIMAS, Monica (Org.). *Estudos sobre Macau e outros orientes*. São Paulo: Paulistana, 2017. p. 9-15.